



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA  
RITA

## ZÉ DISTRAÍDO

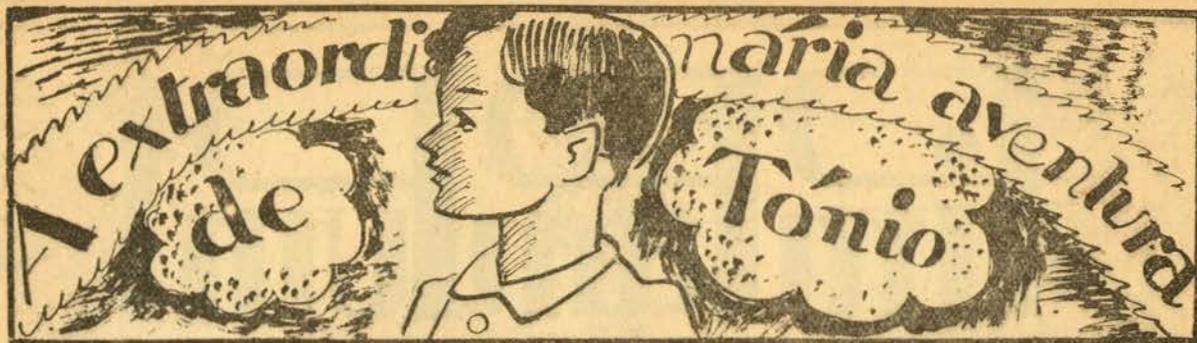


Aguardando um carro eléctrico, junto a paragem do carro, «Zé Distráido» frenético, irritado, impaciente, fumava não um cigarro mas um charuto excelente.

Nisto um ardina atrevido, com uma reles «beata», ao vêr o «Zé Distráido» às fumaças, todo ufano, pediu-lhe, com grande «lata», o lume do seu havano.

«Zé Distráido», matuto, que matuta todo o ano, passa o seu rico charuto para a mão do garotinho, o qual, na ponta do havano, acende o seu cigarrinho.

Nisto, aproxima-se o carro... «Zé Distráido» olvidando seu charuto e o cigarro, para o eléctrico salta, o nosso ardina deixando a fumar como um peraltá.



Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑE

**S**ENTADO na soleira da porta, o Tónio, muito aflito, dava voltas ao miolo sem conseguir encontrar solução para o seu caso.

— «Mas como hei-de arranjar o dinheiro? — murmurava ele de vez em quando. — A mãe, coitadita, não pode dar-mo. E eu preciso tanto do livro!...»

De súbito, uma idéia lhe acudiu:

— «E se eu fôsse ter com a Senhora D. Ludovina dos chapéus? Podia ser que ela me deixasse fazer os recados e assim já ganharia com que comprar os meus livros! E é que vou já!...»

Em dois saltos, atravessou a rua. Entrou em casa da modista de chapéus e pediu para lhe falar. A senhora, muito amiga da mãe de Tónio, mandou-o entrar. E ele, um tanto envergonhado, mas resolutos, dirigiu-se-lhe:

— «Peço desculpa de a incomodar, senhora D. Ludovina, mas...»

— «A tua mãe está doente?» — interrogou a senhora.

— «Não, não, graças a Deus. Ela nem sabe que eu vim cá. É que... venho pedir-lhe trabalho...»

— «O quê, Tónio? Então tu queres trabalhar em chapéus de senhora?»

— «Nada, não. Queria só que a senhora me deixasse fazer os seus recados... porque preciso de ganhar dinheiro...»

E diante do ar de estranheza da modista, o Tónio explicou:

— «O meu professor passou-me de classe e mandou-me comprar outros livros. Ora o que a minha mãe ganha, mal chega para comermos. E eu tenho tanta, tanta vontade de aprender. Por isso me lembrei de vir pedir à senhora D. Ludovina que me deixasse fazer os seus recados. Embora pouco, aquilo que ganhar, já chega para comprar os livros que preciso...»

Assomaram lágrimas aos olhos de D. Ludovina. Afagou a cabeça do Tónio e respondeu:

— «És um excelente rapazinho e mereces bem ser ajudado. Até aqui man-

dava as aprendizas a casa das freguezas. De hoje em diante, ficarás tu com esse encargo. Não posso dar-te ordenado, porque, infelizmente, o trabalho não é muito e as despesas são grandes. Mas com as gorjetas que as freguezas te darão, decerto poderás comprar os livros e até ajudares um pouco a tua mãe...»

O Tónio regressou a casa contentíssimo. Contou à mãe o que se passara. E os dois abraçaram-se a rir e a chorar.

No dia seguinte, começou para o Tónio uma vida nova.

Logo de manhã, apenas se levantava, corria a casa de D. Ludovina, a receber ordens. E à hora marcada — hora que nunca coincidia com as das aulas do Tónio — o rapaz apresentava-se em casa da modista, para levar os chapéus às freguezas.

Fazia rapidamente todos os recados, e voltava para casa a correr, para estudar as lições do outro dia. Andava contentíssimo. Ao fim de pouco tempo, conseguira comprar os livros de que necessitava e, agora, todo o dinheiro que lhe davam, entregava-o à mãe, que a chorar o beijava, agradecendo a Deus o bom filho que lhe dera.

E assim passaram alguns meses. D. Ludovina estava satisfeita com o seu protegido e, sempre que podia, gratificava-o também.

Ora, certo dia, foi o Tónio encarregado de levar uns chapéus a uma certa fregueza. Como sempre, o Tónio desempenhou-se rapidamente da incumbência. Mas quando, à porta da fregueza, esperava que lhe restituíssem a caixa dos



chapéus, acompanhada da costumada gratificação, ouviu uma voz de senhora, que dizia, muito irritada:

— «Mas que disparate de enfeites. Maria! Chama a aprendiz que trouxe os chapéus!...»

— «Não é uma aprendiz, minha senhora — respondeu a criada. — É o rapazinho dos recados...»

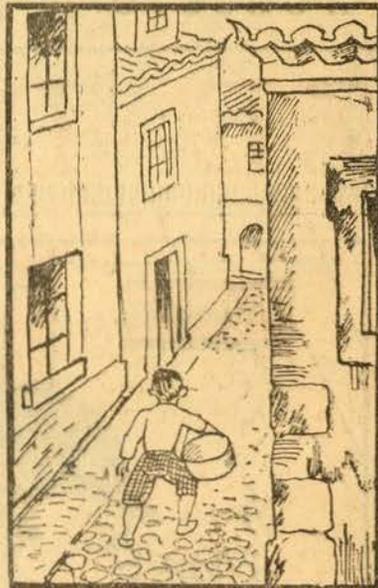
— «Inda mais essa — exclamou a senhora. — Nem sequer tenho, agora, quem explique à modista o que quero!...»

O Tónio, então, meteu a cabeça pela frincha da porta e disse em voz alta:

— «Eu explico, minha senhora. Não se aflija, que eu explico...»

A senhora achou graça ao desembaraço do pequeno e ordenou:

— «Vem cá pequeno, Vamos lá ver, então, se tu compreendes o que eu quero. Vês o enfeite deste chapéu verde. É para colocar no preto, um pouco mais à frente. E no preto, a senhora D. Ludovina que ponha outro enfeite, uma flôr, por exemplo, mas numa cor discreta. Percebeste?»



# OS MESES DO ANO

POR FELIZ VENTURA

O Senhor Ano, uma vez,  
Mandou, com modos corteses,  
Chamar aos seus aposentos  
Os seus súbditos os meses.  
E disse assim: «Meus amigos,  
Entre vós quero escolher  
Um que dê boas sentenças  
Pra meu conselheiro ser.  
Escolherão, entre vós,  
O que fôr mais competente.  
Mas, também, já vos previno  
Que sou bastante exigente.»

Dezembro, por ser mais velho,  
Devendo mais senso ter,  
Propõe que vá Fevereiro  
Tão grande cargo exercer.

Mas o Janeiro, que esperava  
Ser por todos escolhido,  
Diz, com modos arrogantes:  
«Olha que grande atrevido!»

Logo o Março diz, contente:  
«Eu estou em condições!»  
Nisto, o Abril, em gritaria,  
Diz assim: «que trapalhões!  
Olhem que belo juízo  
Que faria o Ano Novo!  
Se éle até anda zangado  
Por vir em dia chuvoso.»



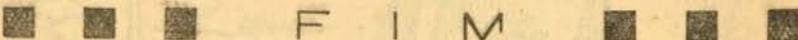
«Cale a boca, tagarela,  
— Diz o Maio com ardôr.  
Lá por ser primo do Estio  
Já pensa que tem valor!»  
O Junho, Julho e Agosto,  
Que também eram vaidosos,  
Diziam: «Mas dentre todos  
Somos nós os mais formosos!»

Ora o novo Ano, ao ver isto,  
Mandou que, sem ter demora,

Esses grandes faladores  
Fôssem dali para fóra.

E o Novembro que, calade,  
Ouvira os outros falar,  
Entre todos é eleito  
Para o cargo ir ocupar.

Mais uma vez eis provada  
Aquela antiga razão:  
Não é por muito falar  
Que os outros valor nos dão.



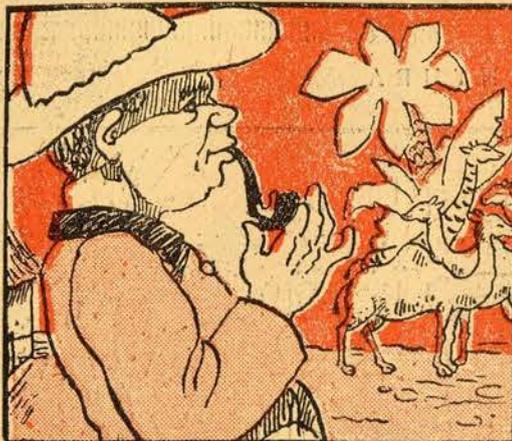
— «Muito bem, minha senhora...»  
— «Nesse caso, corre a casa da modista e vê se podes trazer-me os chapéus prontos, ainda hoje. Se mós trouxeres, apanhas uma boa gratificação!...»  
O Tónio voou para casa da modista. Explicou o recado da fregueza e disse também que ela desejava os chapéus nesse mesmo dia. E enquanto D. Ludovina ficava a arranjá-los, resolveu ir jantar.



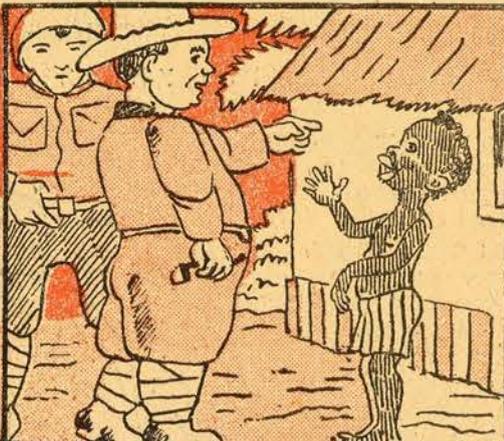
Mal entrou em casa, pediu:  
— «A mãe podia dar-me de jantar, já?»  
— «Para quê, meu filho?»  
— «É que tenho de ir levar os chapéus duma fregueza que mora longe. E depois faz-se tarde para jantar...»  
— «Pois sim. Jantamos já...»  
Apenas terminaram, o Tónio despediu-se da mãe, que lhe pediu:  
— «Não te entretinhas pela rua, se não demorares muito...  
Onde mora a tal fregueza?»  
— «É para as Avenidas... Olhe quere ver a morada?»  
E tirou do bolso um cartão onde a senhora D. Ludovina escrevera o nome e o endereço da fregueza. A mãe de Tónio leu:  
— «D. Eugénia Sentana de Miranda...»  
... O quê, meu filho? É a casa desta senhora que vais levar os chapéus?  
Ao ver a mãe muito pálida, quasi desfalecida, o Tónio, assustou-se:  
— «É, minha mãe. Mas que tem? Está doente?»  
— «Nada!... Não tenho nada!... Já passa!...»  
— «A mãe conhece esta senhora?»  
— «Conheço. É a minha madrinha. Quando casei com teu pai, cortou relações comigo... Não queria que eu casasse, por teu pai ser doente. Mas eu teimeei... e casei. Nunca mais a vi... Soube um dia que tinha ido para a África... Depois... nasceste tu... morreu teu pai...»

(Continua no próximo número)

# A PARTIDA DO MOLEQUE



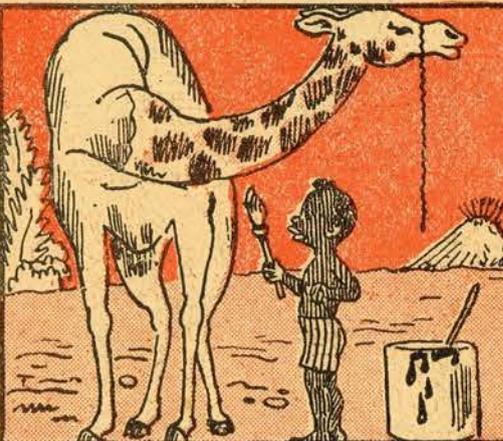
I — Procópio, grande roceiro com importantes propriedades em África, tem ao seu serviço um moleque, conhecido pelo «Escarumba-Ólé».



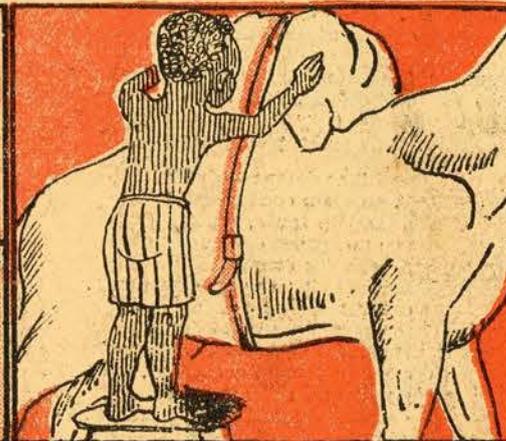
II — Um dia, ao ser visitado por um compadre, recém-chegado da Europa, Procópio chamou o moleque e ordenou-lhe que aparelhasse dois camelos.



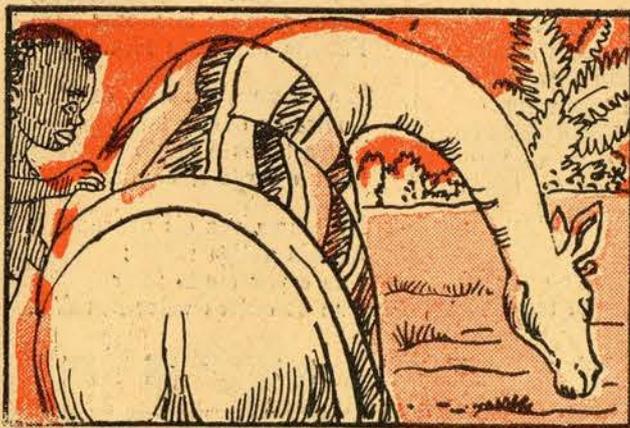
III — «Escarumba-Ólé» resolve, então, pregar uma partida ao seu amo «siô» Procópio. Depois de aparelhar um camelo, vai buscar uma girafa, um balde de tinta castanha e um pincel.



IV — Pintando-lhe o corpo, transforma-a num aparente camelo...



V — ... depois de lhe aplicar a respectiva corcunda com almofadas e trouxas várias.



VI — E leva-a, assim transformada em camelo, ao «siô» Procópio que se deixa ir no «embrulho».



VII — Procópio e o compadre, já em suas montadas, percorrem as grandes roças...



VIII — Nisto, começa a chover e o camelo a desbotar, com grande pasmo do «siô» Procópio, voltando à primitiva forma de girafa.



IX — e deixando a rir às gargalhadas o compadre de «siô» Procópio, bem como, certamente, o «Escarumbinha-Ólé» que ficara na sua choça, antegozando o efeito da partida.

## O CASO das FORMIGAS AMERICANAS

Por ANÃO SABICHÃO

O vesso Anão Sabichão vai contar-vos, a seu modo, uma história que tem um fundo, o mais verdadeiro possível. Chegara a Portugal, vinda da América, uma senhora formiga.

Mal desembarcou, saiu para os campos, mas, ao respirar este arzinho dum clima que lhe diziam muito ameno, a miss formiga constipou-se.

Constipação foi ela que desatou aos espirros — *atchim! atchim! atchim!* — e tossia, tossia, tossia e ninguém a compreendia!

A americana falava muito mal português e, nesta algarviada, dirigiu-se a um bicho de conta e disse:

— Senhora bicha de conta: eu estou muito mal, estar pronta! Sei tossir em inglês, não saber em português! O que é que eu há-de fazê-lo, p'ra não esticar o canelo? Lá na terrinha de mim tratar-se bem gripe assim: faz-se um xarope, em família, com óvas frescos de grila e depois de se o tomar, põe-se bom o constipar! —

O bicho de conta quis ser amável com a ilustre viajante e não sei também se por embirração para com aqueles barulhentos vizinhos — os tais grilos cantadores — logo indicou a forma como a senhora formiga poderia adquirir os ovozinhos tão benéficos para a sua constipação.

Já se vê, neste meio tempo, a formiga americana criou família, arranjou formigueiro onde se estabeleceu e, sempre tossindo, muito rouca e fanhosa, ia dizendo quando as serventes lhe traziam ovos e mais ovos de grilos para o xarope peitoral:

— P'ra secar minha pulmão, precisa maior porção! Este tosse se alivia, só com mil ovas por dia! —

As outras formigas viam-se e desejavam-se!...

Em fileira, numa corrida, entravam pela terra dentro, fura que fura, e assim desencantavam todos os ovos das gerações de grilos por nascer, mas a senhora formiga americana, insaciável, dizia sempre:

— P'ra secar minha pulmão, precisa maior porção! —

e continuava a tossir, como uma desalmada!

Carregadas, esalfadas, mas infatigáveis, as companheiras iam sempre trazendo ovos e mais ovos de grilos e ela, sem nunca se faltar:



— Este tosse se alivia,  
só com mil ovas por dia! —

Tantos mil ovos lhe trouxeram, que os grilos foram diminuindo. Já, pelos campos, se ouviam muito menos *cri-cri*, que é o canto alegre daqueles bicharocos tão divertidos.

Foi, então, que os que restavam começaram a pensar a sério no grave problema que tanto os atormentava: a extinção da sua raça!

As coisas iam de mal a pior, porque

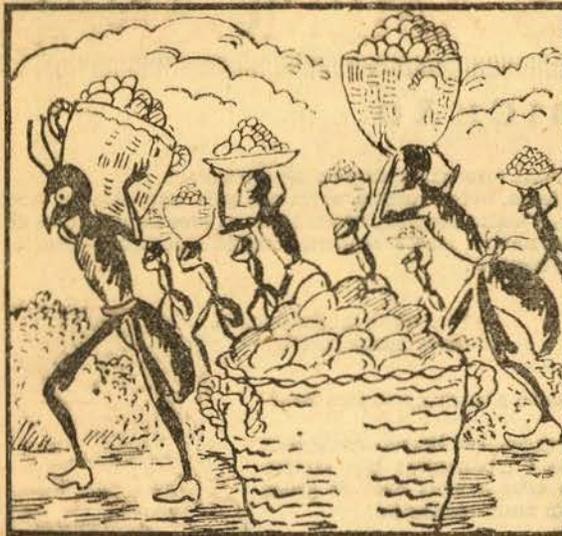
as filhas dessas malvadas  
já nasciam constipadas!  
e tossiam tanto, tanto,  
que nos grilos deu quebranto!  
A raça das constipadas  
minou tudo; campo, estradas...  
espalhou-se pelo chão,  
formaram um batalhão!  
E quando os grilos ouviam  
como as formigas tossiam,  
pensavam, nada serenos:  
— Tosse a mais, é ovo a menos! —

Revoltados, os bons grilinhos reuniram-se num comício, na clareira do bosque, votando a morte às formigas!

Então, elas hastearam a bandeira americana no formigueiro que, assim, não podia ser atacado!

Era um conflito internacional!

Os grilos estavam, na verdade, embaraçados, sem saber como resolver o caso complicado...



Nisto, ouviu-se um fraco trilo.

Era um grilo pequenino, chamado dez reis de grilo,

berrando, num desatino:

— Ó grilos, tenham audácia!

Proponho, como o mais novo, que se lhes feche a farmácia, e ninguém mais ponha ovo! —

Mas um grilo venerando

gaguejou, fulo, em berreiro:

— Cala a boca, meu petiz,

que inda cheiras a cueiro,

tua proposta é infeliz!

Dos nobres grilos, a raça

não vai findar, a galope,  
por se dar essa desgraça

de sermos bons em xaropé!

Temos mais alta missão

neste mundo a conservar:

as noites de S. João

com nosso canto alegrar!

Que faria a mocidade

se acabasse o nosso trilo?!

Ficava em treva a cidade,

que é luz o canto do grilo!

Ao ouvir nosso *cri-cri*,

a zunir, num aranzel,

logo a alcaçofra floresce,

ri-se o cravo de papel! —

Não se descreve com que entusiasmo a assistência dos grilos saudou o eloquente orador!

Logo ali, muito baixinho, as senhoras grilas conferenciaram umas com as outras.

E o que haviam de imaginar!?

Dobrar as posturas, e — coitadinhas das grilas! — desde que a formiga americana invadiu os nossos campos, passaram elas a vida sempre a deitar cá para fora um número incalculável de ovos, para sustentar as danadas das formigas e para que haja ainda porção suficiente, donde saíam os grilos que, nos campos e nas suas gaiolas douradas, nos alegrem com o seu *cri-cri* que parece dizer:

— Ainda estamos aqui!

Ainda estamos aqui! —

## UMA LIÇÃO DE HISTORIA

O Guilherme era um rapaz esperto e vivo que, com os seus sete anos inteligentes, andava, sempre, a pedir aos irmãos mais velhos para lhes emprestarem os livros de estudo. Mas os outros, sobretudo o Mário que frequentava já o liceu, não gostava de ver os seus livros na mão do Guilherme, receoso que ele lhes estragasse. Era, por causa disso, sempre uma constante embirração. A mãe ouvindo-os, um dia, altercar, teve de intervir para evitar que os garotos se batessem — o que representava um caso sério para a boa ordem da casa. Trouxe o Guilherme para o pé de si e, sentando-o ao seu lado numa cadeirita baixa, perguntou-lhe as causas da contenda. O Guilherme, enxugou as lágrimas e mos-

trou o seu pesar porque o Mário o impedia de ler aquelas coisas tão lindas que ele soletrava, entusiasmado, em vista do heroísmo desses homens vestidos de ferro que galopavam em cavalos brancos de espada desembainhada a matar mouros, embrulhados em grandes mantos que voavam por entre a poeira da batalha.

A mãe olhava a sorrir, o seu filho que dizia estas coisas grandiosas, com a sua vozita risonha; e, então, para o consolar, contou-lhe como certo cavaleiro, que foi o herói D. Nun'Alvares Pereira, se recolheu ao convento do Carmo, vestindo um pobre hábito castanho, esquecendo-se que era Condestavel de Portugal, conde e homem dos mais ricos daquele tempo. Con-

tou-lhe mais que, numa véspera de Natal, próximo da hora em que os sinos chamam à oração, o famoso guerreiro, que olhava a cidade, tendo ao seu lado um pombo alvo que lhe dera D. Duarte, viu aparecer um menino muito bonito que lhe sorria.

Como no convento já não havia mais esmolas para dar, D. Nuno queria oferecer-lhe o pombinho, seu companheiro, mas o menino, sempre a sorrir com um sorriso cheio de bondade, subiu aos céus, num facho de claridade divina. Era Jesus que visitava o seu filho dilecto.

O Guilherme com os olhos rasos de água, perguntou:

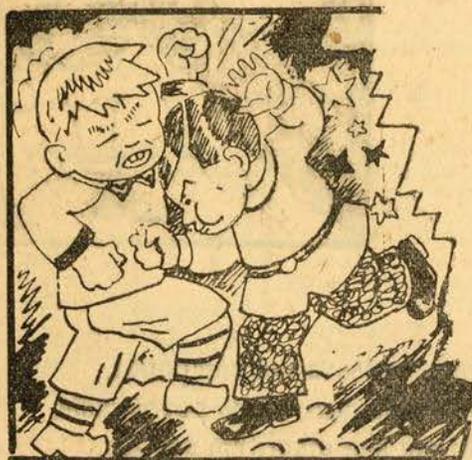
— Onde aprendeu a mamã essa his-

# UMA BRIGA NO COLÉGIO

POR ANIBAL NAZARÉ

O Carlitos,  
à hora do recreio,  
ouviu gritos...  
Sem receio,  
foi a correr  
a vêr  
o que seria...

E que havia de ser  
a gritaria?!  
Dois meninos,  
ladinos,  
estavam-se a bater,  
zangados,  
sob os olhares admirados  
doutros rapazes!



— «Façam as pazes!»  
gritou o Carlitos,  
enquanto os outros, aflitos,  
se acercavam do lugar.  
— «Que feio!...  
Vocês não teem receio  
de aqui estarem a bulhar?!  
Que feio!...  
Dois colegas e amigos  
a brigarem no recreio!  
Se fôsse eu o professor,  
dava-lhes tantos castigos  
que apanhavam um calor!

Então,  
um dos contendores  
explicou sua razão:  
— «Eu não sou zaragatei-  
ro,  
nem fui eu que o agredi!  
Só lhe bati  
porque me bateu primei-  
ro!»

— «Tu não sabes, — diz  
Carlitos,  
que, quando alguém nos  
bater  
numa face,  
lhe devemos oferecer  
a outra face  
para bater, se quiser?!  
E' dos ditados mais velhos,



é humano e é bonito,  
pois se isto até vem escrito  
no Livro dos Evangelhos!...»

Mas o petiz agredido  
respondeu: — «Isso não sei!  
Não apanhei porque quiz!  
Foi no nariz que apanhei  
e eu cá só tenho um nariz!»

F  
I  
M



tória tão linda que não vem nos livros  
dos manos?  
— Apendia-a num livro que te vou

dar, «O Coração da Pátria» que D.  
Berta Leite, uma senhora muito amiga  
dos pequeninos, escreveu para eles.

E, assim, é que o Guilherme pôde,  
agora, orgulhosamente, mostrar aos  
irmãos, o seu livro de história, com os  
seus bonecos muito lindos que todos os  
meninos devem pedir aos seus papás  
para lhes comprar na sucursal do «Sé-  
culo», no Rossio.

TIO PEDRO

## Anedota Hieroglífica

Solução do numero anterior

Um dia, alguns amigos estavam a  
jantar em casa de D. João de Sousa,  
fidalgo da côrte de D. João II.

Um dos convidados, provinciano  
muito acanhado, não dizia palavra.

O convidado, que estava mesmo em  
frente do provinciano, perguntou-lhe:

— «O senhor é capaz de me dizer  
que distância vai dum mudo a um  
asno?»

O provinciano respondeu:  
— «A distância é exactamente a lar-  
gura desta mês.»

## A DIVINHA



Meus meninos: — Eis aqui a caricatura  
do agiota Pancrácio Semcheta que já tem  
muita idade.  
Vejam se descobrem quantos anos tem.

# O PRINCIPE IGNORANTE



Por

GRACIETTE  
BRANCO



**M**ENINOS, escutai: era uma vez um príncipe que apenas cabulava. De idade tinha uns nove anos ou dez, e não sabia lêr nem se importava.

Andava todo o reino aborrecido, pois era caso raro e censurado um príncipe tão belo e tão crescido, sabendo ainda menos que um criado.

Ora um dia, já homem, ia andando pelo parque magnífico, bonito, quando gentil princêsa cavalgando, lhe atira perfumado sôbrescrito.

Apanhando-o, do chão, extasiado, viu que continha uma pequena carta. — «E', com certeza, da princêsa Marta!» logo pensou, nervoso e deslumbrado!

Mas, de repente, olhando os caracteres que vinham nessa carta perturbante, pensou nos seus estudos e deveres, em toda a sua vida de ignorante!

Entretanto, passava um camponez, rapaz dos seus doze anos, pouco mais, trazendo em seu olhar, em sua tez, todo o Sol rutilante dos trigais!

Que ao vê-lo assim pensando, tristemente, vendo o papel da princezinha Marta, lhe diz, entre modesto e sorridente:

— «Meu príncipe: se quere, eu leio a carta!»

Envergonhado e triste, logo aceita, sofrendo, então, pela primeira vez, ao ver que, assim, se humilha e se sujeita ao mais modesto e pobre camponês.

Meninos: esta história quer dizer, aos vossos pequeninos corações, que a Ciência, o Trabalho, e o Saber, têm mais valor que todos os brazões.

— F I M —